



Introdução: Uma hora solene para a Igreja

Em 21 de abril de 2025, nas primeiras horas da manhã, a notícia da morte do Papa Francisco soou pelos sinos do mundo com o peso de um acontecimento que não passa despercebido. O primeiro Papa americano, jesuíta, de linguagem popular, sorriso franco e estilo frequentemente surpreendente, fechou seus olhos para a história e os abriu para a eternidade.

Sua morte nos coloca diante de uma encruzilhada: como interpretar seu pontificado? Como compreender um pastor que abraçou tantos feridos, mas também provocou inquietações com seu estilo direto e suas decisões pastorais? O que permanece de suas reformas, de seu espírito missionário, de seus constantes apelos à misericórdia? E, sobretudo, como esse legado pode nos guiar hoje como cristãos?

Este artigo quer lançar um olhar profundo, acessível e formativo sobre o pontificado de Francisco — suas raízes, seus frutos, suas tensões e as chaves espirituais para o presente e o futuro da Igreja. Não apenas como memória de um Papa, mas como convite pessoal a viver o Evangelho com ousadia renovada.

I. O contexto de sua eleição: mudança de estilo e retorno ao essencial

Jorge Mario Bergoglio foi eleito Papa em 13 de março de 2013. O mundo ainda estava abalado pela histórica renúncia de Bento XVI. A Igreja buscava um pastor próximo, capaz de liderar e, ao mesmo tempo, de transmitir a ternura de Deus. E eis que surge um nome até então inédito: Francisco. Nenhum Papa jamais havia escolhido esse nome.

Desde sua primeira aparição na sacada da Basílica de São Pedro, rompeu os protocolos: sem mitra, sem trono, apenas um simples “boa noite”. Pediu ao povo que rezasse por ele antes de dar sua bênção. E se apresentou como “Bispo de Roma” — uma expressão com profunda carga ecumênica.

Esse estilo humilde, direto e afável foi acompanhado de uma mudança de tom. Francisco começou a usar expressões que tocavam o coração: “hospital de campanha”, “globalização da indiferença”, “ir às periferias”, “a ternura de Deus”. Não era apenas estética: sua mensagem respondia a uma urgência de retorno ao essencial.



II. O eixo central: a misericórdia como chave de leitura

O conceito teológico que marcou todo o pontificado de Francisco foi a **misericórdia**. Não se trata de uma moda pastoral, mas de uma categoria bíblica, patrística e espiritual que está no centro da Revelação.

Na bula *Misericordiae Vultus*, com a qual instituiu o Ano Santo Extraordinário da Misericórdia (2015-2016), o Papa escreveu:

“A misericórdia é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.”

Francisco fala de um Deus que nunca se cansa de perdoar, ainda que nós nos cansemos de pedir perdão. Enfatiza que a misericórdia não anula a justiça, mas a leva à plenitude. Não propõe uma Igreja relaxada, mas uma Igreja materna.

À luz disso se compreendem seus gestos ousados: lavar os pés de muçulmanos e mulheres, telefonar pessoalmente a pessoas feridas, confessar publicamente, visitar prisões, ilhas, campos de refugiados. Francisco nos recorda que a teologia se faz “de joelhos” — com o cheiro das ovelhas e as mãos nas feridas do mundo.

III. Reformas e sinodalidade: um novo estilo de governo

Um dos focos mais visíveis de seu pontificado foi a reforma da Cúria Romana. Com a constituição apostólica *Praedicate Evangelium* (2022), reorganizou o organograma dos dicastérios, colocando no centro a evangelização — e não mais a doutrina da fé. Deu mais responsabilidades a leigos e mulheres, abriu canais de consulta, simplificou processos.

Mas sua reforma mais profunda foi espiritual e eclesiológica: a promoção de uma **Igreja sinodal**. Francisco quis uma Igreja que “caminha junto” — bispos, padres, religiosos e leigos. Convocou uma sinodalidade em várias etapas, escutou as Igrejas locais, enfatizou a escuta como atitude espiritual. Colocou o “povo fiel de Deus” como lugar teológico.



Essa dinâmica, no entanto, não foi isenta de tensões. Alguns viram nisso uma abertura excessiva a ideias duvidosas; outros, uma tentativa de “democratizar” a Igreja. Francisco insiste: não se trata de mudar a fé, mas de buscar juntos como ser Igreja hoje.

IV. As luzes: verdade evangélica, coragem profética, proximidade pastoral

Os frutos de seu pontificado são numerosos e profundos:

1. **Uma Igreja mais próxima dos pobres**

Denunciou repetidamente o capitalismo selvagem, a cultura do descarte, a indiferença global. Visitou as periferias do mundo, comeu com moradores de rua, chorou com vítimas de abuso, lembrou que Jesus se identifica com os pequenos.

2. **Uma consciência ecológica renovada**

Com a encíclica *Laudato Si'* (2015), uniu teologia, ciência e espiritualidade numa conversão ecológica integral. Ligou a destruição do planeta às desigualdades sociais. Falou da Terra como “casa comum”.

3. **Diálogo inter-religioso**

Encontrou-se com imãs, rabinos, pastores evangélicos, budistas e hindus. Assinou com o grande imã de Al-Azhar o Documento de Abu Dhabi (2019) sobre a fraternidade humana. Fez do diálogo um testemunho de paz.

4. **Uma vida de simplicidade e coerência**

Morou na Casa Santa Marta, recusou sinais de luxo, usou carros simples. Pregou o Evangelho com o exemplo. Ensinou que a credibilidade da Igreja nasce da coerência entre palavra e vida.

V. As sombras: tensões doutrinárias, confusões pastorais, liturgia ferida

Onde há luz, há também sombras. E o pontificado de Francisco não foi isento de zonas de tensão:

1. **Percepção de ambiguidade doutrinária**

Documentos como *Amoris Laetitia* foram interpretados de maneiras diversas. Alguns cardeais apresentaram *Dubia*. A questão da comunhão a divorciados recasados dividiu opiniões. Francisco falou em discernimento, mas às vezes faltou clareza.

2. **Certo centralismo prático**



Apesar do discurso sobre colegialidade, muitos sentiram que governava de forma centralizadora — especialmente nas nomeações episcopais e nas reformas litúrgicas.

3. **Restrições à Missa tradicional**

Com o *Motu Proprio Traditionis Custodes* (2021), restringiu o uso do rito tridentino. Isso causou dor, incompreensão e críticas entre fiéis apegados a essa liturgia. Muitos não entenderam por que uma forma frutuosa de culto foi limitada.

4. **Linguagem espontânea e polêmicas**

Suas declarações improvisadas — em aviões ou entrevistas — muitas vezes foram mal interpretadas ou distorcidas pela mídia. Isso enfraqueceu, por vezes, a força do anúncio evangélico.

VI. Chaves práticas: como viver hoje o legado de Francisco

O pontificado de Francisco é mais que uma época histórica. É um impulso espiritual, uma escola de discipulado. Eis algumas chaves práticas para viver sua mensagem no dia a dia:

1. **Viver a misericórdia de forma concreta**

Praticar o perdão, evitar julgamentos apressados, acolher com compaixão. Oferecer um olhar terno — sobretudo aos feridos e diferentes.

2. **Ir às periferias**

Buscar os afastados, encontrar a vida real. Ser uma Igreja em saída — e não autorreferencial.

3. **Cuidar da casa comum**

Reduzir o consumo, contemplar a criação com oração, fazer da Terra um altar de louvor.

4. **Escutar antes de falar**

Discernir, buscar conselho, ouvir o Espírito no outro. Viver um estilo sinodal em casa, na paróquia, nos movimentos.

5. **Amar a Igreja mesmo ferida**

Não fugir das dificuldades. Amar a Igreja como uma mãe doente: com paciência, fidelidade e esperança.

VII. Conclusão: Uma Igreja mais humana e mais divina

O Papa Francisco costumava encerrar seus discursos dizendo:



“Não se esqueçam de rezar por mim.”

Hoje, é toda a Igreja que reza por ele.

Seu pontificado foi um sopro do Espírito Santo. Abriu janelas, sacudiu seguranças, encorajou os simples. Deixou perguntas em aberto, mas também marcas profundas de Evangelho vivido.

Sua morte nos lembra que os Papas passam — mas a Igreja permanece. O que permanece é a fidelidade a Jesus Cristo, único Senhor.

Que o legado de Francisco nos conduza a uma fé mais concreta, um amor mais corajoso e uma esperança mais luminosa.

“Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.”
(Lucas 6,36)